

**DROMOLOGIA, DROMOCRACIA NO CONTEXTO DA CIVILIZAÇÃO
CIBERCULTURAL: A VELOCIDADE COMO IMPERATIVO DA VIDA SOCIAL**

Mario Finotti Silva¹

Resumo

O artigo tem por tema a Dromocracia e seus atributos, características que são pensadas a partir do prisma teórico denominado por Paul Virilio. A velocidade como um vetor da atualidade. O objetivo é compreender e articular os conceitos de dromologia e dromocracia ao atual estágio do paradigma infotecnológico. O imperativo da velocidade que é a destruição das unidades sensíveis de tempo, a qual se insere o contexto contemporâneo e por esse motivo uma vertente da violência. Portanto, a velocidade como vetor de exclusão e fortemente ligado aos interesses do capital. A cibercultura como “espelho de nossa época”, é marcada pela velocidade e assim promove a clivagem entre excluídos e excludores. Os excluídos não conseguem acompanhar a velocidade com que a tecnologia avança e os excludores não permitem que os excluídos participem dessa corrida pela inovação e é nesse sentido que surgem as transformações sociais.

Palavras-chave: Dromologia. Dromocracia. Velocidade. Violência. Cibercultura.

“Ser veloz significa dominar as linguagens da tecnologia de ponta em seus desdobramentos contínuos” (Trivinho, 2007, p.103)

Do pensamento estratégico acerca da velocidade temos em Paul Virilio, urbanista francês e um profundo estudioso do tema velocidade, que aponta os efeitos deste vetor nas relações sociais. Ele percebeu que a velocidade acarreta mudanças consideráveis de estado, quando afirma: Onde estamos quando viajamos? Qual é esse 'país da velocidade' que nunca se confunde exatamente com o meio atravessado? (Virilio, 1977, p.9)

Germán Llorca em seus estudos sobre Paul Virilio identificou algumas considerações acerca da velocidade como ponto de regulação da vida social. Ele verifica que nas palavras do próprio Virilio: La guerra fue mi universidad (Llorca Abad, Germán, 2006, p.358), mostra a

¹ Mestrando em Comunicação, com ênfase em Cultura Midiática, pela Universidade Paulista – UNIP/SP Brasil. E-mail: mariofinotti@gmail.com

preocupação em verificar que as estratégias da guerra foram uma das bases para a construção de um modelo urbanista. É através desse cenário de guerra que Virilio monta a estrutura, o método de território e população.

A Dromologia² cunhado pelo próprio autor é definido como estudo da velocidade e portanto a lógica da corrida. Pode-se se dizer então que há uma equação fácil de entender e prática de ser vista. O valor percebido da riqueza é determinado pela velocidade.

... a velocidade como valor a partir do advento da revolução técnica e de sua conexão com a revolução política. Nesse sentido, se a lógica da riqueza se expressa numa economia política, a lógica da corrida se explicitaria numa concepção teórica capaz de articular velocidade e política. (Virilio, 1977, p. 10 e 11)

A dromologia que hora é apresentada considera que a velocidade é fator principal do advento da revolução política que além de permitir o processo de produção ser mais acelerado, ao mesmo tempo destrói esses processos em proporções iguais ou até maiores. Segundo ele mesmo; a riqueza se norteia na economia política, e a velocidade com que essas relações se intermeiam à essa lógica da corrida é capaz de articular a velocidade e política. Essa relação é bem mostrada em seu livro, *Velocidade e Política* (1977) quando mapeia seu pensamento em quatro partes distintas e entrelaçadas como segue: A revolução dromocrática, O progresso dromológico, A sociedade dromocrática e o Estado de emergência.

Com a revolução industrial, algo entre 1760 até 1840, muitas mudanças sociais, econômicas e tecnológicas forçaram nações a serem mais velozes e com isso através dos séculos aconteceu o inevitável, o encolhimento do mundo. As distancias foram reduzidas ao ponto de não haver distância capaz de isolar nações. A revolução informacional e os movimentos

²Neologismo empregado pelo autor como variante da palavra em grego “dromos” que exprime a idéia de “corrida”, “curso”, “marcha”. A única palavra dicionarizada em português com este prefixo é “dromomania”, que significa “mania de vaguear; pendor mórbido para a vida errante”, conforme o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (MIRADOR)

globalizatórios tornaram os grandes influenciadores desse processo. O “Estado de Emergência” passou a ser a vilão da vez.

A cegueira da velocidade dos meios de comunicação da destruição não é uma libertação da sujeição geopolítica e sim o extermínio do espaço como campo da liberdade de ação política. (Virilio, 1977, p. 130)

Sendo o ciberespaço absorvido pelas grandes potências e corporações e eles mesmos detentores do capital e da informação, assim o norte da sociedade é determinado. O mundo da cibernética é livre, sem governo e ao mesmo tempo sem líder. O poder da mais valia é que dá as cartas. A velocidade com que o que acontece hoje tem influência sobre o passado e determina o que acontecerá no futuro.

O tempo que agora se reduz pela velocidade com que os fatos acontecem, permite que moldemos outro conceito acerca do espaço/velocidade. Na física o espaço é determinado pela velocidade vezes o tempo, essa teoria vem corroborar com os conceitos firmados por Virilio determinando assim que a velocidade é primordial na dromocracia.

As questões da velocidade apontadas por Virilio está intrinsecamente conotado na cibercultura, sempre foi assunto para muita discussão e um dos pontos principais é procurar compreender as relações que tencionam esse poder. Virilio mostra que a valoração da velocidade muda de sentido quando o valor capital é ultrapassado pela aceleração. ... a velocidade vai se afirmando como idéia pura e sem conteúdo, como puro valor, que ameaça ultrapassar até mesmo o valor do capital. (Virilio, 1977, p.11)

Para entendermos esse mecanismo, a aceitação de uns sendo subordinados ou subordinadores de outro ou seja, a violência que é praticada na forma invisível é tão perversa que o dominado não a sente e ao mesmo tempo se torna subserviente do dominador.

A manobra que consistia ontem em ceder terreno para ganhar tempo perde todo o sentido; atualmente, o ganho de tempo é questão exclusivamente de vetores, e o território perdeu seu significado ante o projétil. De fato, o valor estratégico do não-lugar da velocidade suplantou definitivamente o do lugar e a questão da posse do tempo renovou a da posse

9º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero

<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

territorial. Assim, a guerra e a política não são mais travadas pelo controle e ocupação do espaço, mas pelo domínio do e no tempo. (Virilio, 1977, p.13)

Apenas uma parcela é afetada por essa dominação. Se for tomar pelo todo o dominado se torna o próprio escravo e de forma declarada. Não seria esse também o totalitarismo a qual Virilio se refere ao desenvolvimento do controle estatal sobre as massas e que conserva-se firme e constante durante o século XX apesar de todas as transformações já vividas.

Para bem entender essa manifestação na cibercultura vale lembrar que com o advento das tecnologias informacionais, Bauman (2007) nos traz a idéia de sociedade aberta, mas o que se viu foi justamente o contrário. Uma sociedade cheia de medos, desenganos, infeliz e vulnerável, simplesmente por forças que estão longe de seu alcance e ao mesmo tempo nem as compreende direito.

Incapazes de reduzir o ritmo estonteante da mudança, muito menos prever ou controlar sua direção, nos concentramos nas coisas que podemos, acreditamos poder ou somos assegurados de que podemos influenciar; tentamos calcular e reduzir o risco de que nós, pessoalmente, ou aqueles que nos são mais próximos e queridos no momento, possamos nos tornar vítimas dos incontáveis perigos que o mundo opaco e seu futuro incerto supostamente tem guardado para nós. (Bauman, 2007, p.17)

Os conceitos culturais são mediados pelas mais diversas teorias e na cibercultura não seria diferente dos outros campos sociais. O conceito mais comum acerca dela, a cibercultura, é ser entendida como uma relação de troca entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias digitais oriundas do final da década de 60. Na esteira desse pensamento, que a tecnologia engendrada nessa teia seria a redenção, e que por essas vias libertárias aproxima as pessoas; é justamente ao contrário quando ela ao mesmo tempo escraviza pelo simples fato de quem domina da velocidade das informações, domina uma sociedade.

9º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero

<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

A cibercultura que dialoga com os conceitos firmados nas décadas passadas ou apenas as usa como suporte para o domínio do capital e que esse domínio exerce a função de violência e poder instaurado nas cadeias ciber-tecnológicas. As questões relacionadas dentro desse ambiente não podem ser respondidas de pronto pois sempre está em mutação e também há as resistências frente às novas tecnologias. Dentro desse contexto da violência, Paul Virilio também vem nos apresentar em seus estudos, que a velocidade é também um imperativo da violência dentro da cibercultura e ao mesmo tempo uma forma simbólica de exclusão. Sabe-se que há um avanço significativo nos sistemas comunicacionais e certamente há exclusões, e é nesse sentido que os conceitos devem ser revistos.

A cibercultura como “espelho” de nossa época é marcada pela violência e assim sendo dentro desse processo de espelhamento social diferencia excluídos e excludores. Os excluídos não conseguem acompanhar a velocidade com que a tecnologia avança e os excludores não permitem que os excluídos participem dessa corrida pela inovação.

Virilio politiza, assim, desde os pressupostos elementares da elaboração teórica, não somente a democracia, mas primordialmente o seu pilar processual, a velocidade. (TRIVINHO, 2007, p.47-48)

Coloca-se em seu lugar o par de opostos “novo-obsoleto”. Tal perversão transformada em crença justifica o descarte imediato de pessoas e coisas, restringindo sua vida útil a um período breve, após o qual atingem sua obsolescência e descarte. Tudo que não é novo tende a ser obsoleto e, portanto, destina-se ao descarte. Para as comunicações e as redes sociais a novidade vem sempre acompanhada de mais novidades. O paradigma em que vivemos do crescimento econômico e da violência social nos leva a crer que o empenho em simular um bem estar entre ambos não reflete a contribuição pensamento coletivo atribuído a uma cultura. Esse esforço em acompanhar tudo tão depressa e essas transformações em todas as camadas e setores sociais nos forçam a adaptação dos tempos. Ou seja, as transformações individuais, sociais e possivelmente

9^o Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero

<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

globais, são classificadas como *dromoaptidão*³, ato de organizar as informações desde a velocidade conquistada bem como suas taxas de manutenção, denotado por Trivinho. Sabemos então que o efeito principal da dromocracia é a questão do ser ou não ser veloz. Bandeira fincada nesse viveiro *dromológico* da inoperância mental de fazer de espelho sua própria imagem, de estar ritmado sem ao menos estar inserido ou pelo menos demonstrar estabilidade mental ou emocional, autodomínio, sem se importar com os resultados da falta de conhecimento das tecnologias aplicadas. Nessa mesma linha de pensamento assinala Trivinho: “A velocidade é o suave estupro do ser pela técnica alçada a fator apolítico aparentemente inofensivo”. (TRIVINHO, 2007, p.98).

Considerações à parte surgem uma nova categoria de patogenia, descrita como enfermidades engendradas pela velocidade. Como exemplo dessa ferida aberta pelos golpes sofridos desse advento moderno e sem repetição está sempre armada, e ao menor indício de manifestação de perda, irrompe. A velocidade mantém apenas as aparências, o *stress* que essa necessidade do domínio do *phaneros*, que em grego significa tornar-se visível (literal ou figurativamente), nos moldes midiáticos de consumo aqui conotado como perda geral do interesse, estado de fadiga extrema, tanto físico como mental, neura urbana. Ao assumir o ritmo social equiparado à lógica da máquina podemos dizer que o modelo ou universo cibercultural, incorpora ingredientes pós-industriais, tornando a vida social generalizada, desde o trabalho bem como sua vida social livre de atribuições, dentro dos moldes informatizados e virtualizados somente dentro desse espaço, o *cyberspace*, e ao mesmo tempo fora desse ambiente.

Se a velocidade por ora dita as regras de uma sociedade e ao mesmo tempo sua velocidade é fator dominante, então há a necessidade de criarmos as condições de *dromoaptidões*

³Inspirado no prisma dromológico, fundado por Virilio [1996a; (original francês de 1977)] no âmbito das humanidades. (Dromos, prefixo grego, envolve, em sua significação, agilidade, celeridade; aptidão, registre-se, indica propensão ou habilidade tecnicamente treinada.) Um primeiro tratamento conceitual sobre a questão foi feito em Trivinho (1999, parte I, capítulo VII, tópico III; 2001, pp219-227). (Trivinho, 2007, p.97)

ou melhor dizendo, sermos *dromoaptos*. Sabemos então que a velocidade é uma obrigação e uma exigência comum a todos da civilização contemporânea a todas as pessoas produtivas, como aparato característico cultural.

A dromocracia cibercultural enquanto questão política é abstrata e tão violenta quanto o seu modelo de estado. Vimos que o direito burguês foi adotado dessa dinâmica.

A dromocracia cibercultural é, a rigor, um regime transpolítico - invisível como a violência da velocidade - erigido no contexto de um regime político tradicional e visível, a democracia (aqui tomada no sentido formal e abstrato, em seu modelo tipicamente estatal, herdado do direito burguês). Nessa perspectiva, a dromocracia cibercultural comparece, em palavras precisas, como um regime eclipsado na dinâmica tecnológica da democracia contemporânea. (Trivinho, 2007, p.101)

O Direito é um fenômeno historicamente inevitável e transitório da sociedade de classes e com um sistema de normas coercitivas que refletem tanto as relações econômicas como sociais. São sistema de normas criadas e protegidas pelo poder do Estado da classe dominante, visando à sanção, à regulação e à consolidação dessas relações e, como consequência, o fortalecimento do domínio de uma classe. Na sociedade capitalista, o sistema burguês de Direito, foi criado e protegido pelo poder da classe, ela regula e consolida as relações de capital e a dominação da classe capitalista.

Estar no lugar de origem e os medos recorrentes dessa constante vigilância e controle por parte do estado ou empresas, essa interatividade no ciberespaço chegaram a tal ponto que passa a ser uma fobia, mas com toda essa carga, não há a desconexão. O fato de estar conecta dá uma ligeira sensação de segurança, sabendo que a qualquer hora pode desligar. O não conectar permite o retorno ao mundo real livre dos usos de perfis, restrição do número de amigos classificação dos grupos para publicação dos conteúdos. Livre dos cadeados aos conteúdos publicados há de se ter o cuidado em não limitar a rede de amigos autorizados e o mais importante, não revelar a localização geográfica da residência, escola e principalmente ambiente de trabalho. A procura

9º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Casper Líbero

<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

constante pela visibilidade com trocas de mensagens, imagens e segredos, são sintomas de uma rapidez cada vez mais constante em nossa sociedade. Como sabemos o medo é uma sensação que proporciona um estado de alerta demonstrado pelo receio de fazer alguma coisa. É provocado por reações físicas exagerada a tudo que ocorre ao redor, depressão, pânico, etc. Esta reação inicial dispara uma resposta fisiológica no organismo que libera hormônios do estresse preparando o indivíduo para lutar ou fugir.

Já David Harvey (2007) considera que o espaço/tempo organiza o social e, por isso, a objetividade do tempo e do espaço varia de acordo com a necessidade social e imediata, do momento daquele grupo. Com isso, verifica-se que tanto o tempo social quanto o espaço social são formados passo a passo e distintamente agregados de conceitos e práticas dromológicas. Harvey propõe que a compressão espaço/tempo pode ser entendida como:

...processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente o modo como representamos o mundo para nós mesmos. (HARVEY, 2007, p. 219).

Vemos que no sistema capitalista com a modernização das práticas de produção e reprodução econômica e o novo formato de reprodução material e social, nos levam, a saber, que os processos qualitativos de espaço e tempo seguem o mesmo caminho da evolução ou modernização da técnica. Com a mudança e evolução dos aparatos construtivos dessa técnica, as relações espaciais e temporais doravante evoluem rapidamente e também causando impacto na sociedade em geral.

O tempo de produção associado com o tempo de circulação da troca, forma o conceito do “tempo de giro do capital”. Este também é uma magnitude de importância extrema. Quanto mais rápida a recuperação do capital posto em circulação, tanto maior o lucro obtido. As definições de “organização espacial eficiente” e de “tempo de giro socialmente necessário” são formas fundamentais que servem de medida à busca do lucro – e ambas estão sujeitas a mudança. (HARVEY, 2007, p.209)

9º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Casper Líbero

<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

Sendo assim, a experiência do espaço e tempo como condição para uma evolução e nivelamento social onde se procura ajustar as práticas e técnicas nada mais é que uma condição de aprisionamento da técnica pela prática aplicada ou imposta por meio dos governos, supremacias raciais e culturais e voltadas pela lógica do capital já aqui descritas.

Os processos que incluem a velocidade e aceleração do tempo estão diretamente ligados à redução da distância, para que o capital circule com maior fluidez. Os avanços das tecnologias de transporte, redes de comunicação dos mais diferentes formatos contribuem para essa eficiência e ao mesmo tempo deixa o planeta numa condição global. Em linhas gerais, a percepção social do espaço-tempo não está neutralizada socialmente. A percepção espaço-tempo é definida por práticas sociais organizadas para a produção de bens de consumo.

Virilio já asseverava e para ele a velocidade será uma reflexão do tempo e da política. Também nesse contexto das relações virtuais espaço/tempo e segundo Germán o descreve assim:

Esta pecepción incipiente acerca de los entornos virtuales e su relación con el espacio real, desembocará con el tiempo en una profunda crítica en sus trabajos más actuales sobre internet y los espacios virtuales que generan los medios de comunicación, en especial los llamados "de masas". (Llorca Abad, Germán, 2006, p.370)

O espaço local se subordina também à geografia em rede do planeta. Sob essa reconfiguração desaparecem as percepções sensíveis do espaço e do tempo. Tudo acontece “aqui”. Tudo acontece “agora”.

Sob os imperativos da lógica do capital, os aparatos tecnológicos produzem uma modulação na percepção social. Quando isso ocorre em nome de interesses econômicos sem a aquiescência do social estamos também diante de uma experiência de violência simbólica. E o avanço foi de tal modo que formataram um espaço/tempo virtual. Tudo vai depender da velocidade aplicada à sua necessidade.

9º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero

<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

A velocidade e ferocidade com que a economia cresce a partir do Século XIX, marca a fase de crescimento e aceleração do capital no rumo globalizatório do desenvolvimento acentuado e pontual da tecnologia a serviço do homem. É a superação da técnica pela tecnologia, *en passant*, uma totalmente diferente da outra na sua concepção. Visivelmente os meios de comunicação e transporte evoluíram radicalmente e ao mesmo tempo um encolhimento radical das distancias e nessa linha de pensamento, as identidades passam por desafios em se manterem e continuarem com essa mesma identidade e continuidade histórica. Com todas essas mudanças ocorrendo fragmentos de identidade são esquecidos ou apagados dentro de um espaço temporal na sociedade contemporânea. Os movimentos artísticos e filosóficos da época marcam fortemente essa contemporaneidade.

Nos processos industriais para aumento do capital vemos que os modelos adotados por Taylor aplicados a partir de seus estudos de racionalização de tempo no trabalho foram largamente debatidos e contestados pelo fato de que o controle sobre o tempo em que um empregado trabalha vigiado está intimamente ligado ao seu desempenho. A busca dos métodos melhorados seria aplicada através de experimentações sistemáticas de tempos e movimentos.

Neste contexto organizatório das atividades, tudo deveria ser planejado a fim de que tudo fosse realizado eficiente e rápido. O chamado controle de tempos e movimentos. Destarte essa vigilância e controle, porém favorecia os propostos do capital onde o trabalho executado com precisão e com métodos simples e repetitivos, eliminaria gestos desnecessários anotados por ele como tempo gasto. Por exemplo, o tempo que um empregado levava para procurar uma ferramenta aumentava o tempo da finalização do produto. Para ele o conceito ideal era alcançar uma automação para então atingir a produtividade necessária.

Esse princípio denotado por Taylor foi usado posteriormente por Ford e adotado em suas fábricas automotivas. A linha de montagem como ficou conhecido teve mudanças para que ao invés do trabalhador se deslocar ao trabalho, o trabalho que vinha até o operário reduzindo o

tempo gasto, vê-se nesse ponto que a condição tempo controle está explicitamente imposta, retrato deste mundo novo que será posteriormente vivido ao ritmo veloz do progresso industrial.

As tecnologias aplicadas ao trabalho para atingir os resultados nada mais faziam do que tornar o empregado uma máquina humana subordinada aos interesses do capital. Essa padronização do modo de trabalhar associado ao aumento de produtividade foi conotada como “produção em massa”, e como a produção em série estava já amalgamada no contexto social da época os processos de produção acabaram por se standardizar ou apenas a padronização do método. O trabalho em série castra de todas as maneiras de pensar e o homem perde sua capacidade de intimidade com o trabalho, sua responsabilidade fica fracionada à sua parte, em contra partida oferece sem riscos de contestação ao capitalista maior eficiência de ampliar seu lucro.

Destes dois métodos de castração e racionalização do trabalho podemos ter como certo que toda tecnologia de ponta não importando em que época esteja, é sempre uma forma de controle porque ao estar intimamente ligado a produção e aumento do capital e a vigilância que se é adotada frente aos trabalhadores os torna escravos de si e dos outros. Enfim em todo o processo no acúmulo de capital, o controle é exercido por quem tem o poder e esse poder de controle associado à vigilância é que resulta no imperativo econômico. Mas o preço é alto onde todo método que predomina a imposição ou apenas um lado sai favorecido, pelo menos, perpetra uma crise a partir deste modelo com a resistência em grande parte pelos trabalhadores ao sistema de trabalho em cadeia, à monotonia e à alienação do trabalho.

Tanto o taylorismo quanto o fordismo tinham como objetivos a ampliação da produção em um menor espaço de tempo e dos lucros dos detentores dos meios de produção através da exploração da força de trabalho dos operários. O sucesso desses dois modelos fez com que várias empresas adotassem as técnicas desenvolvidas por Taylor e Ford, até os dias atuais por algumas indústrias. O termo compressão espaço-tempo usado por Harvey (2007) foi amplamente

aplicados nesses dois modelos de época. E esse modelo foi rapidamente adaptado por vários segmentos da sociedade. Desse modo com a aceleração constante do nosso modo de vida e a imposição de novos ritmos de movimento, deslocamento e até ideias, colocaram em risco a credibilidade das grandes corporações. Se por um lado as tensões na qual a velocidade é importante, por outro lado a banalização de tudo que se cria e inventa, converge para a morte prematura. Essa necessidade visível de estar à frente e ao mesmo tempo empurrando para o obsoleto completo, só ajuda mesmo à razão do capital. Não há a necessidade de convergir a necessidade pura, precisa ser esquecida para que as novas gerações aparatadas tecnologicamente substitua o que já funciona normalmente e a cada evolução é acompanhada de perto e rapidamente substituída. Será essa a nossa recompensa frente a séculos de inovação para nosso bem viver, a velocidade comandando os destinos da sociedade que vivemos e compartilhamos interesses diversos?

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007;

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 16^a. Ed. 2007;

LLORCA ABAD, G. **Globalización, cronopolítica y propaganda de Guerra: aproximación pensamiento crítico de Paul Virilio**. PUV (Publicaciones de la Universitat de València): Valencia, 2007;

TRIVINHO, E. **A dromocracia cibercultural**. São Paulo: Paulus, 2007;

VIRILIO, P. **Velocidade e Política**. Tradução: Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1996;